

«NOME»
«ENDERECO»
«BAIR_MUN»

CEP: «CEP»



ASPI-UFF

JANEIRO 2011 - ANO XVIII

Dia 20 de janeiro de 2011

Solidariedade: uma questão de sobrevivência

Com o espírito de verdadeiros escoteiros e bandeirantes, a ASPI ergueu a bandeira da solidariedade e partiu para a luta, para se engajar e contribuir para minimizar os efeitos da tragédia que se abateu em vários municípios do Estado do Rio de Janeiro e que vitimou tantas vidas.

Um verdadeiro exército de voluntários – homens e mulheres – se fez presente ao lema “*Semper parata*”*, não apenas na organização planejada de uma eficaz ajuda humanitária, como motivando seus associados a participar da Campanha, que, até a presente data, já rendeu dois caminhões de donativos, repletos de mantimentos, água, material de limpeza, calçados e roupas, além de brinquedos, tão necessários às crianças...

A comovida correspondência de Rita Telles, responsável pelo movimento *Nossa Teresópolis*, nesta edição transcrita, encontrou a ASPI já com as mangas arregaçadas, possibilitando um atendimento quase que imediato. Um exemplo que vem frutificando e – apesar do momento tão doloroso – fazendo-nos sentir alegres por podermos ser úteis...

Muitos aspianos, por terem impossibilidade de se dedicarem diretamente – e até mesmo os que estão empenhados neste trabalho – doaram recursos financeiros diretamente em conta específica da *Nossa Teresópolis*, como um generoso doador anônimo que depositou R\$ 10.000,00 (dez mil reais); e outros que encaminharam à ASPI valores que atingiram cerca de sete mil reais (até a edição deste Boletim), logo convertidos, pela Diretoria, em kits. Isso sem falar de compras de anônimos.

Um fato que não se pode deixar de registrar é o empenho e a dedicação também dos funcionários, Reinaldo, Severino, Bruna e Paula, da secretaria da ASPI, que, inclusive, no dia 20, com um caminhão de um amigo da família, Sr. Laudénir, subiu a serra em direção a Teresópolis, não apenas para levar os donativos, mas para que pudéssemos nos certificar de que as doações chegariam ao seu destino (infelizmente, as notícias mostram que nem todos estão de peito aberto e com boa vontade...), tendo, inclusive, ajudado, pessoalmente, a descarregar o caminhão, pela falta de pessoal da cidade no abrigo. E, no dia 1º de fevereiro, outro caminhão partirá, agora com destino a Nova Friburgo, devendo os donativos serem entregues no Colégio N. Sra. das Dores, conforme entendimentos havidos.

Há um clamor produtivo, que não se resume em vozes, mas que resulta em ações em direção às necessidades do outro. Acreditamos que está inscrito indelével no coração de cada um, pois responde ao Mandamento do Senhor que nos diz: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”. De toda parte acorrem pessoas, que se preocupam e se importam! E agem!

É neste momento que percebemos que a humanidade tem solução, pois, muitas vezes, a violência e outros aspectos negativos que nos cercam, ou de que temos notícias, nos levam a ter um sentimento de descrença em relação à bondade do ser humano.

Mas, aí estão os Mensageiros do Amor, como Madre Teresa de Calcutá, Luther King, Mandela e tantos outros, que nos servem de modelo e mostram que devemos sempre manter viva a fé, mãe da Esperança.

Que o Senhor abençoe a todos os homens – e mulheres – de boa vontade!



* O lema original do Movimento Bandeirante é: "Be Prepared", surgido na Inglaterra, em 1909. Em nosso País, foi adotado o "SEMPER PARATA", expressão latina que significa "estar sempre preparado, sempre pronto para ajudar o próximo e cumprir as obrigações e o Código Bandeirante, originado nos ideais de Baden Powell. (http://nucleo.piratiniga.zip.net/arch2010-07-16_2010-07-31.html).

Editorial

Nós, da ASPI-UFF, e participantes do Movimento **Niterói como Vamos**, não podíamos nos omitir nesta hora tão séria da vida dos brasileiros: o das tempestades da região serrana do Rio de Janeiro.

Neste número especial do *ASPI-UFF Notícias* unimo-nos à dor dos habitantes das regiões atingidas e a de todos os que, de uma forma ou de outra, cooperam com as medidas necessárias para a minimização do sofrimento de tantos fluminenses.

Além de notícias sobre a tragédia, divulgamos, como parte de nossa solidariedade às vítimas, o relato comovente, impactante, de Rita Telles, coordenadora do Movimento *Nossa Teresópolis*, com quem, neste momento tão dramático, firmamos parceria, para acolher e enviar doações, como informado recentemente em nossos *Avisos Importantes*. Incluímos, também, opiniões técnicas relacionadas com as causas da tragédia e conclusões, com sugestões de providências para evitar repetições desses lamentáveis fatos, no futuro.

Um depoimento dramático...

Teresópolis, 15 de janeiro de 2011

Não é nada fácil descrever o que tenho visto e vivenciado desde a madrugada do dia 12. Já presenciei outras tragédias aqui na cidade, mas de tal porte jamais ouvi, sequer, contar. Aliás, dizem os especialistas que esta é a maior tragédia natural do País...mas eles dizem tantas coisas.

O que sei, na verdade, é que no final do meu plantão de hoje, tinha contabilizado 1200 desabrigados; 1300 desalojados; 238 corpos resgatados sem vida, sendo que desses, 168 já haviam sido identificados e liberados para sepultamento (sem direito a velório ou despedida da família, pois não há tempo para isso; em covas rasas e identificadas apenas por uma cruz numerada); e um número ainda desconhecido de pessoas desaparecidas. O que sei, é que os olhos da cidade, inchados e embaçados pelas lágrimas, ainda não acreditam naquilo que vêem e que a respiração fica em suspenso a cada nova pancada de chuva. Sei das crianças que, em sua mágica inocência, brincam de roda em meio aos colchões que lotam a quadra poliesportiva.

Sei também que as mudanças climáticas não podem servir de desculpas para os governantes que nada fizeram para conter as construções desordenadas, as invasões, os desmatamentos; que não cuidaram das políticas públicas com a atenção devida; que não investiram em prevenção e que agora precisarão gastar muitas vezes mais na reconstrução... Sei ainda que os danos

causados na alma da minha gente jamais serão apagados.

Bairros inteiros foram devastados. Ricos e pobres estão sofrendo a perda de bens materiais, de amigos e familiares. O cenário é de desolação. É como se uma tsunami tivesse acontecido aqui, no alto da serra.

Muitos bairros ainda estão sem luz e a água já é escassa. A previsão é de ficarmos completamente sem abastecimento durante os próximos 15 dias. Não bastasse tudo isso, hoje um grupo de oportunistas, baderneiros e bandidos espalharam pânico na cidade. Comerciantes, instituições bancárias, supermercados, shoppings, farmácias, clínicas e consultórios fecharam suas portas com medo de saques e assaltos. Teresópolis parecia uma cidade fantasma até parte da tarde. Depois o estado e a união mandaram reforços e os policiais – que antes estavam auxiliando nas buscas e transportando corpos – voltaram a cuidar da segurança. (mas as portas do comércio continuaram fechadas).

A situação atual é gravíssima. Mas preocupa-me ainda mais o período “pós-comoção”, quando a dor do outro já não incomodar tanto; quando a lama virar poeira e o vento a espalhar por aí.

* Teresópolis gera cerca de 80% dos produtos do mercado de agricultura do grande Rio (região metropolitana); atendendo também a toda Região dos Lagos, Costa Verde indo até Ubatuba (SP), Juiz de Fora (MG) e municípios do Norte Fluminense. A maioria dessa produção vem das plantações no segundo e no terceiro distrito, ambos foram destruídos pelas águas. **A agricultura é um dos três pilares da economia local.**

* Teresópolis irá (?) sediar o Salão Estadual de Turismo, em maio. O que temos agora para oferecer? Que turista vai querer visitar o caos? **Turismo é o segundo pilar.**

* Sem o dinheiro da agricultura e sem o dinheiro do turismo, a tendência é uma enorme retração na economia. Como conseqüência as vendas no comércio despencarão. **Comércio é o terceiro pilar.**

O que será de Teresópolis daqui a seis meses? Essa pergunta não me sai da cabeça.

Por outro lado, entendo também que essa pode ser uma grande oportunidade de recomeçar a cidade de forma correta. Com planejamento; políticas públicas sérias, eficientes e eficazes; transparência e retidão nas ações e, sobretudo, com uma população mais atenta e consciente, mais participativa e responsável.

Rita Telles

...“Quando não se tem políticas de habitação, a pessoa que ganha até dois salários mínimos vai morar onde? [...] Geralmente, olham para a questão da Defesa Civil e acham que são problemas pontuais. Mas a prevenção não é só uma questão de Defesa Civil, ela é uma questão de saneamento, drenagem e política habitacional”.

Dilma Roussef (AGORA, SP, 14/01/2011)

Tragédia anunciada

“Não dá para medir a calamidade que atingiu a região serrana do Estado do Rio de Janeiro”.

Os governantes sempre falam em ‘causas naturais’ quando acontecem tragédias desse tipo [...] a culpa pelo tamanho da catástrofe não está nos céus. As encostas foram ocupadas sem nenhum controle durante décadas, o mapeamento das áreas de risco é insuficiente e não há planos de emergência prontos para serem seguidos. Para completar o quadro de incompetência, menos da metade do dinheiro do governo federal foi aplicado no ano passado. [...] Por motivos

políticos, prefeituras das mais diversas áreas do país não enfrentam a necessidade de remover os moradores das áreas ameaçadas. Algumas vezes, até facilitam a ocupação, de olho nos votos. [...] Soluções técnicas podem ser diferentes dependendo do lugar. Mas parece ser igual, em toda parte, a omissão das autoridades – que só pode ser chamada de criminosa, quando suas vítimas, mais uma vez, se contam às centenas”.

Fonte: *O Terminal*. 17jan2010, p. 3.

Governo gasta pouco com prevenção e muito após tragédias

“Antes das tragédias que atingiram o Estado, no verão de 2010, o governo do Rio tinha reservado apenas R\$ 8 milhões para contenção de encostas e repasses às prefeituras para combate a enchentes e deslizamentos. Diante das mortes e da destruição em Angra dos Reis, Niterói e outras localidades, o Estado desembolsou cerca de R\$ 80 milhões, para obras emergenciais no ano passado. Ao todo, as cidades afetadas receberam R\$ 400 milhões, mas 80% do total veio da União. [...]”

Uma das ações do governo do Estado no campo da prevenção, inclusive, não saiu do papel. Lançado após as tragédias, em abril, o programa “morar Seguro” não recebeu adesão de nenhuma prefeitura. Segundo a Secretaria de Obras, as prefeituras têm dificuldade para formatar projetos e mapear áreas de risco. Por isso, preferem usar os recursos emergenciais – de liberação mais fácil e rápida”.

Em conversa com especialistas, para entender o que está acontecendo em relação às chuvas e suas consequências, a economista e colunista Miriam Leitão recebeu como resposta de Carlos Nobre, do INPE, que “os ciclos são naturais – sempre chove nesta época do ano, mas está havendo uma exacerbção desses ciclos e que “há maior volatilidade: grandes secas e enchentes ocorrendo com mais frequência”; o meteo-

rologista Marcelo Seluchi explicou que “estão ocorrendo dois fenômenos – zona de convergência do Atlântico Sul e o sistema de bloqueio, que concentram a umidade.” Para a urbanista Andrea Young, “o Brasil ocupou de forma insensata o espaço urbano”.

Erramos no passado, e o futuro nos ameaça, porque, segundo os climatologistas, será pior, por conta das mudanças climáticas.

Na visão dos economistas, “o governo gasta errado, mal, pouco com prevenção, mas muito na hora do desespero, para remediar. Depois, abandonam o assunto.” E os moradores retornam..., como aconteceu no Morro do Bumba: “Até quando cometeremos tanta insensatez?”

Em uma coisa todos são unânimes: “há a necessidade de sistemas de prevenção”.

Fontes: Miriam Leitão. 13.01.2011. In: <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2011/01/13/governo-gasta-pouco-com-prevencao-muito-apos-tragedias-356396.asp>; www.jb.com.br/tragedia-na-serra/noticias/2011/01/15/apos-chuvas-rj-afasta-risco-de-desabastecimento-de-alimentos; www.jb.com.br/tragedia-na-serra/noticias/2011/01/15/pos-chuvas-rj-afasta-risco-de-desabastecimento-de-alimentos.

MEDIDAS PROPOSTAS

Ministros anunciam providências

Ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, disse que, no País, há cerca de 500 áreas de risco de deslizamentos e outras 300 propensas a inundações e aproximadamente 5 milhões de pessoas nestas áreas, e que está sendo prevista a implantação de um eficiente sistema de alerta e prevenção de desastres climáticos que terá três vertentes: previsão de chuvas, levantamento geofísico de áreas de risco e treinamento de população e do pessoal responsável. Como prioridade apontou: beneficiar áreas com risco de deslizamentos e inundações; mapeamento das regiões (o cálculo dos desastres indicam Norte e Centro-Oeste: inundações; secas e incêndios, no Nordeste; deslizamentos, secas e inundações, no Sudeste; e no Sul:, secas, vendavais, ressacas e inundações. O orçamento para a implantação ainda será negociado com a Casa Civil e o Ministério do Planejamento.

Para o Ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, paralelamente à instalação do Sistema de Alerta será reforçada a Defesa Civil, informando que, de cada cinco municípios, apenas um tem Defesa Civil. Essa fragilidade é real e precisa ser eliminada.

Já o Ministro da Previdência Social, Garibaldi Alves, nesta quarta-feira (19), declarou que o INSS antecipará o pagamento de um mês de benefício às vítimas das chuvas no Rio de Janeiro (inicialmente para moradores das cidades em estado de calamidade pública), sendo os valores de aposentadorias e pensões (benefícios que são permanentes) liberados em até 20 dias, atendendo a 145 mil beneficiários. No caso de seguro-desemprego e licença-maternidade, haverá uma análise caso a caso. O valor da antecipação será descontado ao longo de 36 meses, sem juros, mas isso acontecerá somente após a carência de 60 dias. “Nesse momento trágico, não poderíamos deixar de ir ao encontro das pessoas que estão precisando”, afirmou Garibaldi.

Nelson Jobim, da Defesa, comentou as ações em andamento: reforço de 500 militares das três Armas, em três áreas: Comando, Controle e Logística. Informa que a presidente Dilma cogita criar um Gabinete de Crise, nos moldes de 2010, no Nordeste.

Fontes: *O Globo*. 18/01/2011; e <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/01/governo-antecipa-um-mes-de-beneficio-do->

Já era hora...

A OAB/RJ está propondo um projeto de lei de responsabilidade social, para ser encaminhado, com urgência, ao Congresso Nacional, e colocando o Ministério Público à frente das providências”.

Fonte: PEREIRA, Merval. *O Globo*. 18/01/2011. Trechos do noticiário da crise.

Catástrofe na Região Serrana Fluminense

Antonio Veloso

Aspiano. Mestre em Geoquímica.

Sabemos que as chuvas no Brasil e em várias partes do mundo têm se intensificado nos últimos anos, devido principalmente ao aquecimento global. Porém, não é somente o índice pluviométrico que tem aumentado, mas, principalmente, a concentração de temporais em determinadas áreas. É como se nuvens cumulus-nimbus deixassem desabar toda a sua água condensada em uma determinada área da superfície, causando um impacto além do que a região pode suportar, como há dois anos em Santa Catarina, no ano passado em Angra dos Reis/Ilha Grande e Niterói e agora na Região serrana do Rio de Janeiro. Os danos materiais e perdas de vidas também têm aumentado de ano para ano. Devemos tomar providências quanto às áreas de risco.

Como e por que se deu a catástrofe na Região Serrana? Após cerca de 10 dias de chuvas com alguma intensidade, ocorreu aquilo que chamamos uma Cabeça d'água, também denominada forte temporal. Muito poucas cidades, do Brasil, se é que existe alguma, estão preparadas para que seu solo resista sem grandes danos a chuvas tão intensas como as ocorridas nos últimos anos. Existe até uma discussão se devemos ter *Defesa Civil ou Proteção Civil* (Defesa tem um sentido reativo e Proteção tem sentido de prevenir). Porém, isto é mais uma discussão semântica, que não vem ao caso, no momento. O que interessa é que estamos atrasados na prevenção e temos de correr contra o tempo.

Em Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e cercanias, há muito sabemos que são localidades influenciadas pelas chuvas de relevo e que as nuvens carregadas de umidade vindas do Atlântico ultrapassam a região de baixo relevo provocando maiores pluviosidades na serra. Junto a isso, nesta época do ano, a massa equatorial continental sobre a Amazônia se expande até esta região aumentando em muito a umidade e intensidade das chuvas. Ainda se discute o total das chuvas em 24 horas na região, mas parece ter sido por volta de 400mm, que é uma quantidade enorme até para um mês. Até localidades que teoricamente não apresentavam grande risco, tiveram muitas mortes. Por quê? A concentração das águas, descendo das vertentes, trazendo consigo sedimentos finos e rochas, entulho, lixo, troncos de árvores e até pedaços de habitações, entupiu os canais de drenagem, rios e córregos, e as águas buscam saídas possíveis, levando tudo pela frente. Registre-se, ainda, que não foram respeitadas as leis ambientais que proíbem construções próximas aos rios e canais da região, o que intensificou a tragédia, pois a quantidade de materiais carregados

pelas águas foi desproporcional ao que o local poderia suportar.

O que fazer após a tragédia acontecer? Lembro as palavras do Marquês do Pombal, após o terremoto 1755 que destruiu Lisboa: Enterrar os mortos e socorrer os vivos e trabalhar para prevenir que o mesmo não torne a ocorrer. Foi heróico o trabalho dos Bombeiros e Defesa Civil Estadual onde, pelo menos 3 pagaram com a vida o afã de salvar seu semelhante. Tantos voluntários também trabalharam até esgotamento das forças e impediram que a tragédia fosse ainda maior. Valeu a pena? Sim tudo vale a pena, mas não é isto que desejamos nas próximas chuvas que fatalmente ocorrerão em nossa região. O que queremos é que as autoridades tomem providências, pois a academia já apresentou as soluções. E que de hoje em diante as autoridades municipais, principalmente, sejam responsabilizadas juridicamente pela inércia e não comprometimento com a legislação, e por não protegerem a população que lhes deu o mandato. Na hora em que os políticos forem penalizados e até banidos por não terem assumido a responsabilidade por seus atos, teremos políticos melhores.

QUAL O FUTURO QUE QUEREMOS?

Urge que medidas eficazes sejam tomadas: preventivas, em primeiro lugar; e corretivas – aqui, temos que ir atrás do prejuízo, pois já estamos muito atrasados. Apontamos para a necessidade imediata de uma campanha eficiente e eficaz de educação ambiental e social ampla, nas escolas, na mídia. Afinal, ser cidadão é cuidar do nosso quintal, que, por extensão, é o nosso bairro, nossa cidade, nosso Estado... Temos o dever cívico de intervir, apontar erros e buscar soluções plausíveis, como as assinaladas pela economista e colunista Ruth de Aquino:

Precisamos da tecnologia de um sistema de alerta e suporte, semelhante ao de regiões atingidas por terremotos e furacões, alertas à população em risco e treinamentos que convençam moradores a deixar suas casas a tempo. Sem esquecer abrigos com estrutura para hospedar centenas de desabrigados. Sistemas de macrodrenagem para escoar os rios que transbordam.

E, reiteramos: e d u c a ç ã o cívica, englobando, aqui, o respeito à natureza!

Tomando, ainda, emprestadas as palavras de Aquino: “custa dinheiro, sim. Mas é mais barato, mais eficiente e menos triste do que toda essa reconstrução de vidas arrasadas”.

Sejamos *proativos!*

Parcerias são produtivas

Guruduth Banavar, vice-presidente global de tecnologia da IBM, em entrevista à economista e colunista Ruth de Aquino (Revista *Época*, n.º. 662, 24jan2011, declarou que, em breve, “o Rio se tornará um modelo de gestão de crises para o mundo”: o apoio dado à prefeitura do Rio de Janeiro permitiu a montagem de um moderno centro de controle de operações nessa área, integrado por três pilares: equipamento, integração e inteligência, tendo, inclusive, a municipalidade importado um radar meteorológico americano, único no Brasil, mapeado áreas de risco, em estudo também inédito, e criado um sistema de sirenes que deslocará para abrigos famílias ameaçadas por calamidades climáticas”.

A prefeitura já atraiu o interesse de outras empresas, como a Samsung e a Cisco, que doaram equipamentos.